



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Universitário Santo Agostinho



revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 19, n. 11, art. 16, p. 319-346, nov. 2022

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2022.19.11.16>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



MIAR



Releituras do Conto “Chapeuzinho Vermelho” em “Chapeuzinhos Coloridos”

Readings of the Story “Ring Chapeuzinho” in “Coloring Chapeuzinhos”

Suzana Fernandes Santos Silva

Graduada em Letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins
Professora do Centro de Idiomas da Universidade Federal do Norte do Tocantins
E-mail: ss.fernandes.suzana@gmail.com

Vilma Nunes da Silva Fonseca

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Tocantins
Professora da graduação e da pós-graduação Universidade Federal do Norte do Tocantins
E-mail: vilmanunes@uft.edu.br

Endereço: Suzana Fernandes Santos Silva

Rua das Carnaúbas nº 1411, Setor Cimba – Araguaína – Tocantins, CEP 77.824-832, Brasil.

Endereço: Vilma Nunes da Silva Fonseca

Universidade Federal do Norte do Tocantins
Centro de Ciências Integradas (Unidade Cimba)
Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas
Setor Cimba | 77824-838 | Araguaína/TO, Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 19/09/2022. Última versão recebida em 03/10/2022. Aprovado em 04/10/2022.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Neste artigo, apresentamos uma análise de seis contos, configurados como releituras de “Chapeuzinho Vermelho”, publicados na obra infantojuvenil “Chapeuzinhos Coloridos”, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta (2016). O nosso objetivo consistiu em analisar as variações da estória original e a estrutura da narrativa dos contos reescritos a partir de versões consideradas modernas, pela inserção de temáticas e registros de linguagem contemporâneos. Utilizamos como método de investigação a pesquisa bibliográfica, a partir de procedimentos da abordagem qualitativa. Para subsidiar a leitura empreendida, recorreremos aos estudos de Propp (2001) e Labov e Waletzky (1967) visando à fundamentação da análise. As discussões e os resultados apontaram que as estórias atualizaram o conto maravilhoso em termos de apresentação de temas compatíveis com o contexto do leitor de hoje. Quanto à forma, os textos mantiveram a estrutura narrativa tradicional, como referência direta ao gênero literário focalizado.

Palavras-Chave: Narrativa Tradicional. Conto Maravilhoso. Chapeuzinho Vermelho.

ABSTRACT

In this article, we present an analysis of 6 (six) short stories, configured as re-readings of “Chapeuzinho Vermelho”, published in the children’s book “Chapeuzinhos Coloridos” by José Roberto Torero and Marcus Aurelius Pimenta (2016). Our objective was to analyze the variations of the original story and the narrative structure of the tales rewritten from versions considered modern, through the insertion of contemporary themes and language registers. We used as a research method the bibliographic research from procedures of the qualitative approach. To support the reading undertaken, we resorted to studies by Propp (2001) and Labov and Waletzky (1967) in order to support the analysis. Discussions and results showed that the stories updated the wonderful tale in terms of presenting themes compatible with the context of today’s reader. As for the form, the texts kept the traditional narrative structure, as a direct reference to the focused literary genre.

Keywords: Traditional Narrative. Wonderful Tale. Chapeuzinho Vermelho.

1 INTRODUÇÃO

As obras literárias dedicadas ao público infantojuvenil, geralmente, tendem a apresentar aos leitores fatos da vida para um aprendizado pela experiência, com o objetivo de introduzir e exemplificar regras sociais, conceitos e, até mesmo, dar conselhos às crianças e pré-adolescentes sobre como agir em determinadas situações. Os livros dessa categoria literária apresentam uma linguagem simples e imagens que ajudam os leitores iniciantes a compreenderem as mensagens de modo lúdico e prazeroso. Um dos exemplos mais conhecidos de obras infantojuvenis são os contos de fadas, pois ao longo de muitas gerações da humanidade algumas histórias foram contadas e registradas na memória das pessoas, inicialmente, pela tradição oral, mais tarde, com o advento da imprensa, surgiram as produções escritas. No contexto atual, as narrativas, principalmente, as infantis, ganharam diferentes formatos e releituras no mercado editorial.

Neste artigo, analisamos seis releituras/versões do Conto “Chapeuzinho Vermelho” apresentadas no livro “Chapeuzinhos Coloridos”, obra de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta (2016), com ilustrações de Marília Pirillo, e estabelecemos uma comparação entre as narrativas. Para realizar esta investigação bibliográfica de natureza qualitativa e interpretativista, objetivamos analisar as variações da história original e a estrutura da narrativa dos contos reescritos a partir de versões consideradas modernas, pela inserção de temáticas e de registros de linguagem contemporâneos. Desse modo, procuramos focalizar o discurso da tradição, que mantém a narrativa viva sobrevivendo às “apelações” das releituras modernas. Como base teórica, utilizamos os estudos de Propp (2001) e Labov e Waletzky (1967) para fundamentar a nossa análise.

Além da Introdução, Considerações finais e Referências, este artigo está organizado em três seções. Na primeira seção, apresentamos uma breve abordagem histórica sobre a origem dos contos de fadas e a tradição de contação de histórias. Já na segunda, contextualizamos as duas versões consideradas originais do conto “Chapeuzinho Vermelho”. A terceira traz a análise das releituras apresentadas do conto “Chapeuzinho Vermelho” na obra “Chapeuzinhos coloridos”, à luz das perspectivas teóricas norteadoras que entrecortam as três seções deste artigo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A tradição narrativa dos contos de fadas

Não se sabe exatamente quando surgiram os primeiros contos de fadas, pois sua origem é datada de séculos atrás. Alguns pesquisadores discutem que eles “são de origem celta e surgiram como poemas que revelam amores estranhos, fatais, eternos” (JUVINO, 2010, p. 17). Além disso, são vistos como “histórias transmitidas oralmente de geração a geração” (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009, p. 133). O fato de serem transmitidos oralmente possibilita que as estórias originais tenham sido esquecidas e/ou substituídas por outras que os contadores julgavam mais adequadas. Tudo isso pode ter resultado, mesmo que de forma indireta, em diferentes releituras e versões dos contos originais.

De certo modo, essas estórias devem ter sofrido adequações com as culturas de diferentes povos. É, portanto, a partir dessas releituras que surgiram os então conhecidos contos maravilhosos ou contos de fadas. Quando se fala sobre contos de fadas ou contos maravilhosos (PROPP, 2001) é comum relacioná-los às estórias sobre princesas, castelos, reinos encantados, onde tudo funciona magicamente e todos os problemas enfrentados pelos personagens são resolvidos no final. Isso ocorre, por exemplo, em *Rapunzel*, *Branca de Neve e os sete anões*, *Cinderela*, *Bela Adormecida* e em vários outros contos que foram e, ainda são introduzidos durante a infância, através de livros, filmes ou peças teatrais.

Segundo Juvino (2010), esses contos possuem narrativas que se desdobram em um mundo mágico, com regras diferentes e habitantes considerados maravilhosos, o que implica percepção de uma oposição à realidade em que vivemos. Afinal, eles apontam para a presença de uma “magia feérica” bem como de um problema “cujo núcleo problemático é a realização essencial do herói ou da heroína, realização que, via de regra, está visceralmente ligada à união homem-mulher” (JUVINO, 2010, p. 17).

De acordo com Nascimento e Lopes (2011), uma das principais características dessas narrativas é a presença de fadas, pois, “mesmo quando a imagem da fada não está explícita, o desenvolvimento dos argumentos se dá dentro de um universo das fadas, onde podemos encontrar reis, rainhas, princesas, gênios, bruxas, objetos mágicos etc.” (GETIRANA, 2013, p. 23).

A narrativa do conto de fadas apresenta personagens de todos os tipos e tamanhos. Há a presença de reis e rainha, bruxas e vilões, passando por ogros, gigantes e objetos mágicos que se tornam personificados e capazes de transmitir sentimentos, além de se comunicarem

com os seres. Os animais também possuem comportamentos e pensamentos como os dos seres humanos, pois eles podem falar a mesma língua.

O papel que cada um interpreta varia de acordo com a história ou com os propósitos de cada escritor. As mais comuns são as características opostas: uma boa, em contradição com uma ruim. Isso significa que na narrativa sempre existirá o bem e o mal, cabendo, portanto, a um herói ou heroína derrotar o vilão ou vilã. Essas nuances, segundo Propp (2001, p. 17), indicam que “as funções dos personagens representam as partes fundamentais do conto maravilhoso”.

Propp (2001) aponta que todo conto maravilhoso tem um motivo, uma razão para a trama da narrativa construída pelos personagens. Isso possibilita que haja diferentes histórias e versões. Assim, o “roteiro” de um conto de fadas terá sempre a mesma base, ou ao menos alguns pontos em comum, pois, segundo Propp (2001, p. 10), “Os contos maravilhosos possuem uma particularidade: as partes constituintes de um conto podem ser transportadas para outro sem nenhuma alteração”.

Sobre o modo como se organiza a narrativa do conto de fadas, Propp (2001) enumera a ocorrência de quatro pontos considerados como fixos, são eles:

- I. Os elementos constantes, permanentes, do conto maravilhoso são as funções dos personagens, independentemente da maneira pela qual eles as executam. Essas funções formam as partes constituintes básicas do conto.
- II. O número de funções dos contos de magia conhecidos é limitado.
- III. A sequência das funções é sempre idêntica.
- IV. Todos os contos de magia são monotípicos quanto à construção. (PROPP, 2001, p. 17-18)

Em relação aos acontecimentos durante a narrativa, Propp (2001) comenta que:

O conto maravilhoso, habitualmente, começará com certa situação inicial. Enumeram-se os membros de uma família, ou o futuro herói (por exemplo, um soldado) é apresentado simplesmente pela menção, ou de seu nome ou indicação de sua situação. [...] Após a situação inicial vêm as seguintes funções:

- I. Um dos Membros da Família Sai de Casa
- II. Impõe-se ao Herói uma Proibição
- III. A Proibição é Transgredida
- IV. O Antagonista Procura Obter uma Informação
- V. O Antagonista Recebe Informações sobre a sua Vítima
- VI. O Antagonista Tenta Ludibriar sua Vítima para Apoderar-se dela ou de seus Bens
- VII. A Vítima se Deixa Enganar, ajudando assim, involuntariamente, seu Inimigo

VIII. O Antagonista Causa Dano ou Prejuízo a um dos Membros da Família. (PROPP, 2001, p. 19-23)

Observando o esquema da narrativa do conto, Vieira (2001) cita e exemplifica em seu texto as organizações mínimas de uma narrativa a partir das definições de Labov e Waletzky (1967), a qual contempla uma **orientação**, uma **complicação**, uma ação que gera uma **complicação ou avaliação**, um **resultado** e uma **moral** ao final. Especificamente, Vieira (2001) faz a seguinte explicação:

Um texto narrativo inicia a partir de uma *Orientação* na qual são definidas as situações de espaço, tempo e características das personagens. Em seguida, ocorre uma *Complicação* através de uma ação que visa modificar o estado inicial e que dá início à narrativa propriamente dita. A narrativa, então, culmina no momento em que uma *Ação* transforma a nova situação provocada pela complicação ou em que uma *Avaliação* da nova situação indica as reações do sujeito do enunciado. A narrativa, então, chega a um *Resultado* em que é estabelecido um novo estado, diferente do estado inicial da estória. O final da narrativa se dá no momento em que é elaborada uma *Moral*, a partir das consequências da estória. (VIEIRA, 2001, p. 602)

Uma característica dos contos de fadas é “apresentar uma situação de equilíbrio no início e conflito em seu desenvolvimento, o que possibilita às crianças identificarem com esses conflitos e absorverem para si, como forma de resolução a seus próprios problemas” (BASTOS, 2015, p.16). É, portanto, através das estórias, que os autores tentam incentivar e auxiliar os leitores, oferecendo conselhos baseados nas provocações a que os personagens são submetidos.

De modo geral, os contos de fadas são estórias que nos levam a outra realidade, em que tudo é possível se formos bons e tivermos um pouco de perseverança. Assim, não é de se surpreender que os contos de fadas ainda sejam tão populares entre as crianças de todo o mundo, pois eles transmitem esperança, magia, felicidade e, ao mesmo tempo e de forma descontraída, ensinamentos sobre a vida e comportamentos sociais. Entretanto, esses contos não tratam somente do lado bom da vida, pois tal como afirma Ressurreição (2005),

(...) seus enredos falam de sentimentos comuns a todos nós, como: ódio, inveja, ciúme, ambição, rejeição e frustração, que só podem ser compreendidos e vivenciados pela criança através das emoções e da fantasia. (RESSURREIÇÃO, 2005, p. 20)

O conto de fadas é um tipo de literatura que apresenta dois lados: um mais explícito, onde o leitor se encanta com uma realidade mágica e que deseja fazer parte dela. Há também o lado que passa despercebido pelas crianças, o lado que é mais psicológico, que apresenta a forma como os personagens se comportam e se sentem diante das situações e problemas que

surtem durante o decorrer da narrativa, uma vez que essas influenciam, mesmo que de maneira inconsciente, seus contextos sociais. De acordo com Juvino (2010),

A efabulação básica do conto de fadas expressa os obstáculos ou provas que precisam ser vencidas, como um verdadeiro ritual iniciático, seja pelo encontro de seu verdadeiro eu, seja pelo encontro da princesa, que encarna o ideal a ser alcançado, problemas que são resolvidos de forma rápida, mostrando ao leitor uma ponderação a respeito dos males humanos (JUVINO, 2010, p. 18).

Quando abordamos o assunto dos contos de fadas, não podemos deixar de fora as principais referências desse tipo de estória, pois são considerados os principais criadores desse gênero literário: Charles Perrault e os irmãos Grimm. Eles foram os principais autores de vários contos, alguns muito famosos em algumas culturas e países. Charles Perrault (1628-1703) é conhecido como o pai dos contos de fadas por ser um dos autores mais antigos e, possivelmente, o fundador desse tipo de narrativa. Sua obra mais famosa foi publicada em 1697, com o título “Contos da Mãe Gansa”, a qual continha as estórias e contos populares, tais como: “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida”, “A Gata Borracheira”, “O Gato de Botas”, “Cinderela”, “Barba Azul”, “As Fadas” e “O Pequeno Polegar”. Sua principal característica está no final da história, pois ela apresenta uma forma poética seguida de uma lição de moral. Já os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm ficaram conhecidos por fazerem releituras alemãs de contos de fadas europeus, como em “Chapeuzinho Vermelho de Perrault”. Juntos, os irmãos lançaram, em 1815, o livro “Kinder-und Hausmärchen”, (traduzido para “Contos de Fadas para o Lar e as Crianças”), que continha mais de 86 obras, e dois anos mais tarde lançaram o segundo volume do livro que continha mais 70 contos. Algumas das obras deles são: “Chapeuzinho Vermelho”, “Branca de Neve e os Sete Anões”, “Rapunzel”, “Os Músicos de Bremen” e “João e Maria”.

3 METODOLOGIA

3.1 Sobre os contos originais de Chapeuzinho Vermelho

Nesta seção, tecemos algumas considerações acerca dos dois contos considerados originais da narrativa de “Chapeuzinho Vermelho”. No primeiro momento, referimo-nos à estória cuja autoria é atribuída a Charles Perrault (1697). No segundo momento, aquela sob a qual a titularidade da escrita é delegada aos irmãos Grimm (1815).

3.1.1 Chapeuzinho Vermelho na versão de Charles Perrault

A versão de Charles Perrault de “Chapeuzinho Vermelho”, publicada em 1697, no livro “Contos da Mãe Gansa”, é considerada a original por ser a versão escrita mais antiga. Nesse conto, é apresentado um relato que tem uma menina muito bonita e adorada, chamada por todos de Chapeuzinho Vermelho, por causa do capuz vermelho que ganhou de presente de sua avó. Um dia, ela foi levar *galettes* (bolachas) e um pote de manteiga para sua avó doente. Porém, enquanto atravessava o bosque entre as suas casas, ela se deparou com um Lobo que lhe perguntou para onde estava indo; ela, sem saber que o Lobo era perigoso, parou e o respondeu dizendo que iria visitar a avó doente e falou o “endereço” da casa. O Lobo, esperto, disse que também queria visitar a senhora e enganou a menina fazendo com que ela pegasse o caminho mais longo. Sabiamente, ele percorreu o mais curto, o que lhe possibilitou chegar à casa da avó da garota antes que ela.

Com tamanha esperteza, o Lobo fingiu ser Chapeuzinho Vermelho e entrou na casa, já que a senhora estava impossibilitada de sair da cama para abrir a porta. Vorazmente, ele devorou a senhora e, logo em seguida, vestiu-se com as roupas dela na intenção de devorar a menina também. Como Chapeuzinho Vermelho ainda era inocente, acreditou que a voz da avó estivesse diferente por causa do resfriado; entrou na casa, caindo na armadilha criada pelo Lobo. A pedido da “avó”, a menina se despiu e foi se deitar com ela. Porém, curiosamente, a menina percebeu uma grande diferença na aparência física de sua avó e a questionou, perguntando sobre o tamanho dos braços, pernas, orelhas, mãos e dentes. Indefesa, a menina, a Chapeuzinho Vermelho, foi engolida pelo Lobo ao final da história.

Estruturado sob o efeito da moral, o conto de fadas busca esclarecer as pessoas a respeito de uma determinada situação. Nesse sentido, o conto de Perrault é finalizado com o seguinte poema:

Moral

Vimos que os jovens,
principalmente as moças,
Lindas, elegantes e educadas,
Fazem muito mal em escutar
Qualquer tipo de gente,
Assim, não será de estranhar
Que, por isso, o lobo as devore.
Eu digo o lobo porque todos os lobos
Não são do mesmo tipo.
Existe um que é manhoso
Macio, sem fel, sem furor.

Fazendo-se de íntimo, gentil e adulator,
Persegue as jovens moças
Até em suas casas e seus aposentos.
Atenção, porém!
As que não sabem
Que esses lobos melosos
De todos eles são os mais perigosos.

Ao analisarmos o conto e a mensagem moral ao final do texto, é possível constatarmos que ambas se referem ao mesmo assunto, porém de formas diferentes. O conto transmite a mensagem de uma forma mais descontraída, por meio de uma história que pode ser facilmente entendida por crianças, que conta com imagens e diálogos simples. Já a moral, aborda de forma mais direta o risco que algumas meninas correm ao se deixarem enganar por “lobos”, que no começo parecem gentis e agradáveis, mas que aos poucos vão revelando sua verdadeira face e seus perigos.

3.1.2 Chapeuzinho Vermelho na versão dos irmãos Grimm

Na versão dos irmãos Grimm (1815), há uma menina meiga e adorável chamada Chapeuzinho Vermelho, em razão de seu capuz de veludo vermelho. Um dia sua mãe lhe pediu para levar um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho para sua avó que estava doente, mas lhe advertiu para não sair do caminho para evitar cair e quebrar o vidro, o qual era muito importante para sua avó. A menina foi levar o bolo e no caminho encontrou o Lobo, que lhe perguntou para onde ela estava indo; a menina respondeu-lhe que ia para a casa de sua avó e lhe diz onde a casa dela fica. O Lobo distraiu Chapeuzinho, falando sobre as lindas flores da floresta e a menina concluiu que um buquê de flores deixaria a sua avó mais feliz. Por essa razão, foi colhê-las.

Enquanto a menina estava em busca das flores, o Lobo chegou à casa da avó, e como ela estava muito doente e acreditou que era sua neta à porta, permitiu que o Lobo entrasse devorando-a, logo em seguida. Após isso, ele vestiu as roupas da senhora e ficou à espreita de Chapeuzinho Vermelho. Quando a menina chegou à casa, deparou-se com a porta da frente aberta, mas entrou mesmo assim. Porém, ao chegar mais perto da avó, a garota percebeu que algo parecia estranho com a velha senhora. Então, Chapeuzinho Vermelho passou a questionar a aparência física da vovozinha. Quando o Lobo percebeu que não tinha como deter o seu reconhecimento, devorou a pobre menina também.

Com a barriga cheia, o Lobo decidiu descansar um pouco e começou a roncar bem alto, o que faz com que um caçador que passava próximo à casa escute o barulho e resolva

investigar. Ao entrar na casa, o homem logo viu o Lobo na cama da velhinha e conclui que ele havia comido a senhora, mas achava que ainda podia salvá-la. O homem pegou uma tesoura e abriu a barriga do Lobo. Naquele instante, ele avistou a avó e a neta vivas. A primeira a sair foi Chapeuzinho Vermelho. Ela afirmou que estava com muito medo e que na barriga do lobo era muito escuro. Logo depois, saiu a vovó. Chapeuzinho Vermelho decidiu se vingar e colocou pedras grandes e pesadas dentro da barriga do Lobo.

O resultado foi que o Lobo tentou fugir, mas não aguentou o peso das pedras. Por isso, caiu e morreu, deixando o caçador, a avó e Chapeuzinho Vermelho muito felizes. Ao final da história, a menina disse para si mesma que enquanto vivesse nunca mais iria desobedecer à sua mãe, nem se desviar do caminho ou andar na floresta sozinha.

Essa foi a primeira versão do conto feita pelos irmãos Grimm. Eles criaram um outro final para a estória, como se Chapeuzinho Vermelho tivesse passado por essa experiência novamente, e de tal sorte ela se comportaria melhor, pois já sabia do perigo que corria.

Os autores voltam a contar que Chapeuzinho Vermelho estava indo levar um bolo para sua vovozinha novamente, e outro Lobo apareceu no caminho e tentou desviá-la da direção prevista. A menina não deu atenção e seguiu diretamente para a casa de sua avó. Ao chegar lá, ela relatou sobre o encontro inesperado com o Lobo e disse que se eles não estivessem em uma estrada pública, com certeza o animal a teria devorado. A senhora com medo, logo apressou Chapeuzinho a entrar na casa e fechou bem a porta. Ela mal havia fechado a porta quando o Lobo chegou dizendo ser Chapeuzinho Vermelho e que trazia um bolo para sua avó. Como elas (a avó e a neta) nada disseram, o Lobo rodeou a casa e subiu no telhado à espera da menina para, quando ela fosse embora, segui-la e comê-la. A avó ficou muito abalada quando percebeu o que o Lobo estava fazendo e resolveu montar uma armadilha. Ela pediu que sua neta pegasse o balde de água no qual havia cozinhado umas salsichas e que enchesse uma gamela. O cheiro das salsichas subiu até o nariz do Lobo que começou a espiar de onde o cheiro estava vindo, e de tanto se espichar, o animal perdeu o equilíbrio e caiu dentro da gamela, onde morreu afogado. E então, Chapeuzinho Vermelho foi embora feliz, pois sabia que ninguém poderia lhe fazer mal.

3.1.3 Diferenças entre as duas versões do conto Chapeuzinho Vermelho

Analisando as versões do conto “Chapeuzinho Vermelho”, escritas por Perrault e pelos irmãos Grimm, percebemos que há muitas diferenças entre elas. Apesar das distinções entre as duas versões abordadas, ambas transmitem uma mensagem em comum: deve-se ter

cuidado com “Lobos” que existem pelo caminho. Afinal, se a menina não tivesse informado o “endereço” de sua avó ou não tivesse seguido o conselho do animal, talvez a história tivesse um final diferente para as duas narrativas.

No quadro 1, apresentamos as principais diferenças existentes no conto “Chapeuzinho Vermelho” publicado por Perrault e pelos Irmãos Grimm.

Quadro 1 – Diferenças do conto Chapeuzinho Vermelho por Perrault e pelos Irmãos Grimm

Chapeuzinho Vermelho - Charles Perrault	Chapeuzinho Vermelho - Irmãos Grimm
Capuz vermelho	Capuz de veludo vermelho
<i>Galettes</i> e um pote de manteiga	Bolo e uma garrafa de vinho
O lobo enganou a menina dizendo que tem um caminho mais rápido	O lobo enganou a menina falando sobre as belas flores da floresta
O lobo pediu que a menina se despiu e se deitasse na cama com ele	A menina chegou mais perto da cama da avó
O lobo devorou as duas (a avó e a neta)	O lobo devorou as duas (a avó e a neta), mas um caçador escutou um ronco estranho vindo da casa da senhora e foi investigar
A narração terminou com final triste e uma moral da estória	O caçador salvou as duas (a avó e a neta) e elas saíram vivas da barriga do lobo. A narrativa foi concluída com um final feliz porque elas conseguiram matar o lobo.

Fonte: Autoria própria

Como observado, há algumas diferenças entre as duas histórias: a descrição do tecido do capuz da menina; a comida que está sendo levada para a avó; o pedido da mãe para que Chapeuzinho tivesse cuidado na estrada; a forma como o lobo enganou a menina falando sobre flores; a forma como Chapeuzinho Vermelho percebeu as mudanças na aparência de sua avó; a escolha de continuar a narrativa, na versão dos alemães; e a opção pela alteração ao final da narrativa, mantendo a avó e a netas vivas.

Entretanto, ainda existem várias semelhanças. Retomando os pontos fixos desse tipo de narrativa descritos por Propp (2001), vemos que: os personagens (lobo, Chapeuzinho e avó) têm as mesmas funções, tanto na versão de Perrault, como na primeira parte da releitura dos Grimm. O lobo tem o papel do animal antropomórfico e é o de vilão; a menina é a pessoa que foi enganada e revelou alguma informação valiosa ao vilão; e a avó foi a primeira vítima, sendo a primeira a ser devorada.

Outro ponto é que ambas têm o mesmo “roteiro”, segundo o que foi descrito por Propp (2001), quanto às fases ou acontecimentos do conto:

- I - A menina saiu de casa para levar comida à avó;
- II - Ela transgrediu a proibição da mãe ao se desviar do caminho fazendo;
- III - Por causa desse desvio, ela encontrou com o lobo;
- IV - Ele perguntou para onde a menina está indo e por quê;

- V - A menina falou que está indo visitar sua avó doente e fraca;
- VI - O lobo enganou a menina para chegar mais rápido à casa da senhora; a menina seguiu os conselhos enganosos do lobo, dando vantagem ao mesmo;
- VII - O lobo chegou à casa da avó de Chapeuzinho e comeu a velhinha.

Os pontos abordados podem ser encontrados inteiramente no conto de Perrault (1697), porém na versão dos irmãos Grimm (1815), a história continua após esse 7º ponto com o aparecimento do caçador e a continuação da narrativa em busca do “final feliz” dos personagens. Um tema que persegue a narrativa é o fato de as versões originais dos contos não serem recomendadas para crianças. García (2020) discute sobre como, através da moral no final do conto,

Perrault instruiu as leitoras (moças jovens, belas e gentis) a não darem ouvidos a desconhecidos, afirmando não ser surpreendente o fato de os lobos, os quais as seguem até suas casas ou mesmo seus quartos, devorarem tantas delas. Esse final, do modo como apresentado, é brutal e terrível: a protagonista é punida com a morte por sua suposta frivolidade (ter dado ouvidos a um desconhecido), e a moralidade explicitada ao final transforma-o em um instrumento educativo, de acordo com os valores e temores da época. A versão de Perrault contém, ainda, um componente quase explicitamente sexual: o lobo faz com que a menina se dispa e se deite com ele na cama para, assim, devorá-la viva. (GARCÍA, 2020, p. 71)

Tal abordagem faz com que o conto de Perrault seja mais voltado para o público adulto do que ao infantil. Já no conto dos irmãos Grimm há um foco maior na questão da infância, pois “o que se desenrola no enredo é uma luta pela vida, conduzindo ao típico final feliz de contos de fadas que tanto caracteriza o gênero bem como o fato de que a heroína acaba cumprindo a contento sua missão” (GARCÍA, 2020, p. 72).

3.2 Por que retomarmos a narrativa da menina do capuz vermelho?

Na parte introdutória deste artigo, abordamos que os contos de fadas foram transmitidos oralmente por vários séculos, pois a escrita demorou a ser introduzida em algumas culturas. Isso denota que ocorreram diferentes relatos das versões originais desses contos em razão das diferentes narrativas. Essas versões resultaram, também, do surgimento da escrita e de sua utilização, além das traduções e/ou da adequação das narrativas ao momento histórico de suas respectivas produções, o que possibilita dizer que esses contos estão sempre em espaços de atualizações.

Sob o foco de que esses contos mantêm ampla relação com o contexto histórico das diferentes gerações, é interessante questionarmos: como os contos de fadas conseguiram persistir e se manterem atualizados depois de tanto tempo? Hipoteticamente, afirmamos que a

chave para sua preservação foi a transmissão de forma oral e a adequação do texto. Logo, as diferentes versões de uma mesma história, as releituras, que contêm a mesma estrutura, porém com características, situações ou personagens distintos, alterando-se para poder se encaixar a algum momento ou cultura, foram de extrema importância para que os contos de fadas não desaparecessem com o avanço da humanidade.

Os escritores mudam algumas partes dos contos de fadas, como algo na aparência (cor dos olhos, dos cabelos, fisionomia), fala, personalidade, detalhes dos personagens e da história que não causam mudanças à essência da versão original, mas, ao mesmo tempo, trazem alterações no assunto da narrativa para tratar de temas contemporâneos. Frente a isso, analisamos neste tópico as releituras contemporâneas de “Chapeuzinho Vermelho”.

Apesar de bastante conhecido, há várias releituras do conto de “Chapeuzinho Vermelho”. Algumas mais simples, com menos diálogos, menos texto, mais imagens, com algumas mudanças na aparência dos personagens, na comida que está sendo levada, no tecido do capuz da menina, na conversa entre o lobo e Chapeuzinho bem como no surgimento de algum novo personagem na história, entre outros. Nesse conjunto, observamos que qualquer mudança na temática principal abordada na narrativa, por ser destinada ao público infantojuvenil, deve ter um certo filtro quanto à forma como são introduzidos os conteúdos no conto para não gerar desconforto ou traumas nos leitores. Destacamos algumas releituras do conto “Chapeuzinho Vermelho”, as quais passamos a citar: “Chapeuzinho Amarelo” (Chico Buarque de Holanda, 1997); “Fita Verde no cabelo” (Guimarães Rosa, 1992); “Um lobo culto” (Becky Bloom, 1998); “A Menina do Chapeuzinho Vermelho” (Patrícia Moura, 2006).

Lembramos ao nosso leitor que as obras mencionadas aparecem, neste texto, a título de exemplificação de publicações que recontam versões do clássico infantojuvenil tematizado, portanto, não são alvos de análises. A iniciativa em analisarmos as diferentes versões do conto “Chapeuzinho Vermelho” está relacionada ao papel que a literatura infantojuvenil exerce sobre os leitores. Percebemos, portanto, que as práticas das atividades linguístico-discursivas de contar e recontar histórias possibilitam uma ressignificação das narrativas a partir de diferentes visões de um mesmo texto e da atualização dos temas abordados.

Um aspecto muito importante que os contos oferecem diz respeito ao critério da intertextualidade, pois eles sugerem a leitura de diversos livros como objeto de complementação de seus estudos. Nesse sentido, Juvino (2010, p. 13) aponta que “os contos de fadas tradicionais, em suas estruturas e temas, são textos/matrizes para os contos de fadas modernos, pois podemos perceber claramente traços de intertextualidade nesses tipos de narrativas, que desde a antiguidade já eram contados e recontados pelos povos”.

É sabido que cada nova versão apresenta características específicas, o que não é prejudicial ao entendimento do assunto, mesmo que elas exerçam importantes mudanças. A respeito dessas características e o que os vários autores alteram ou não, Juvino (2010) discute:

Os autores modernos inovam o seu processo narrativo, apresentando peculiaridades formais e temáticas que caracterizam a atual postura do gênero, baseando alguns recursos no resgate de processos dos contos tradicionais como o elemento maravilhoso. E essa presença do maravilhoso nos contos clássicos que solucionam ou ajudam a solucionar a problemática do herói, permanece até hoje. (JUVINO, 2010, p. 14)

Diante do exposto, considerando os aspectos suscitados por Juvino (2010), destacamos a importância da retomada dos contos maravilhosos no contexto da modernidade, pois, através das releituras, essas obras advindas da tradição oral são mantidas vivas. Essa é uma das razões para tematizarmos a narrativa de “Chapeuzinho Vermelho”.

3.3 Procedimentos de análise

Após a seleção da obra, realizamos a análise qualitativa e interpretativista dos contos que compõem o livro infantojuvenil “Chapeuzinhos Coloridos”. A pesquisa bibliográfica deu-se a partir da própria escolha da obra analisada que foi motivada pela atualidade temática, pela indicação do público-leitor e pelo ano de publicação. Para a realização da análise, consideramos os seguintes procedimentos:

- Leitura das narrativas originais de “Chapeuzinho Vermelho” (Perrault e pelos Irmãos Grimm);
- Seleção da obra a ser analisada (“Chapeuzinhos Coloridos”);
- Leitura do referencial teórico para subsidiar a análise;
- Leitura analítica das seis narrativas as quais denominamos de acordo com as seguintes etiquetas: N1 (“Chapeuzinho Azul”); N2 (“Chapeuzinho Cor de Abóbora”); N3 (“Chapeuzinho Verde”); N4 (“Chapeuzinho Branco”); N5 (“Chapeuzinho Lilás”); e N6 (“Chapeuzinho Preto”).

Na próxima seção, discutiremos os aspectos contextuais e de natureza linguística ou discursiva, apresentados em “Chapeuzinhos Coloridos”, que sofreram modificações a partir dos contos originais. Em geral, as alterações apontaram para a aparência da menina, o que ela estava levando para a avó e o papel dos personagens na narrativa, mas mantiveram alguns padrões observados nas versões mais antigas: as fases da história, que começa com

Chapeuzinho indo levar algo para a avó e termina com um desfecho entre o caçador-lobo-Chapeuzinho e o fato de haver um vilão e um herói no conto.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Uma análise das releituras em “Chapeuzinhos Coloridos”

Ao comparar as versões de Perrault e Grimm com as releituras feitas por José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, vemos que os autores contemporâneos conheciam muito bem as duas versões originais dos contos, pois juntaram pedaços delas para criarem a base de suas versões. Eles pegaram do conto dos irmãos Grimm toda a estrutura da estória, desde o começo da narrativa até a parte em que o caçador aparece e ajuda a neta e a avó, e adicionaram uma “moral da história”, assim como no conto de Perrault.

A obra chama a atenção por trazer releituras do conto de “Chapeuzinho Vermelho” de uma maneira diferente do habitual, a começar pelo fato da cor do capuz da menina não ser vermelha, pois a cada versão o capuz da personagem tem uma tonalidade diferente. O uso de cores diferentes em cada versão pode ser atribuído ao fato de os leitores infantojuvenis prestarem mais atenção à narrativa quando há a presença de recursos visuais que os auxiliam em uma melhor fixação do que está acontecendo na história, como também proporciona uma rápida distinção das narrativas. Conforme Witter e Ramos (2008), “elas [as cores] influenciam o dia a dia, o comportamento, ajudando a alterar o estado de espírito das pessoas, podendo também ser usadas para atingir objetivos específicos, uma vez que, diante delas, as pessoas podem ser receptoras pacíficas”.

Outro fato bem marcante dessa obra é que todas as histórias apresentam o item recursivo “moral da história” ao final do texto, a fim de oferecer aos leitores alguns conselhos de vida. É, portanto, com base na percepção dessas diferentes lições que passamos a analisar, a partir do próximo tópico, as versões de “Chapeuzinhos Coloridos”.

4.2 Chapeuzinho Azul

A estória tem como personagem principal uma menina que morava em uma vila perto da floresta e tinha os olhos azuis da cor do céu e, por isso, sua avó lhe fez um capuz de veludo azul. A menina gostou tanto que nunca tirava a roupa. Por esse motivo, todos começaram a chamá-la de Chapeuzinho Azul. Um dia sua mãe lhe pediu para que ela levasse uma torta de

amoras azuis para sua avó, e disse que a menina não saísse do caminho, pois a floresta era perigosa. Chapeuzinho partiu e foi cantando: “Pela estrada afora, / Eu vou tão sozinha, / Tão desprotegida / Ai de mim, tadinha”. (PIMENTA; TORERO, 2010, p. 9)

A narrativa destaca que, após a menina caminhar um pouco, o lobo aparece e pergunta o que ela tem na cesta e para quem a estaria levando. Ela responde que é uma torta de amora para sua avó. O lobo pensou consigo: “vou comer a avó, a menina e ter a torta como sobremesa”. Decidido, aconselha a menina a pegar uma trilha que tem vários miosótis azuis e que pode levá-la à sua avó. Ela segue o conselho e parte em busca das flores. Enquanto isso, o lobo pega um caminho mais curto e chega rapidamente na casa da avó. O lobo bate na porta fingindo ser a menina, mas a avó levanta, pega a espingarda, abre a porta e atira no lobo, matando-o. Depois, decide fazer uma torta da carne dele. Depois de algum tempo, Chapeuzinho Azul chega e entra na casa e percebe que sua avó está na cama com uma touca cobrindo parte de sua cara. Chapeuzinho lhe pergunta:

“- Vovó, por que você tem orelhas tão grandes? / - São para ouvir melhor os lobos / - E esses olhos tão grandes? / - São para ver os lobos de longe. / - E essas mãos tão grandes? / - São para pegar grandes pedaços de carne de lobo. / - E esse nariz tão grande? / - É para sentir o cheiro dos lobos no forno. / - E essa boca tão grande? / - É pra comer carne de lobo! - A avó dá uma grande gargalhada e fala: / - Realmente, esse nosso plano nunca dá errado, não é Chapeuzinho Azul? / - É verdade, Vovó. Os lobos sempre caem no nosso truque”. (PIMENTA; TORERO, 2010, p.11)

De acordo com o enredo, as duas (a avó e a neta) tiram a torta de lobo da cesta e depois resolvem tirar uma soneca, mas como estavam com a barriga muito cheia, elas roncam muito alto, o que faz com que o caçador escute o barulho e vá à casa achando que alguém está passando mal. Porém, ao entrar na casa, ele vê os restos do lobo e prende as duas por estarem comendo um animal que está ameaçado de extinção, justamente porque elas estão comendo todos os lobos da floresta.

A velhinha e sua neta são levadas à delegacia, mas são liberadas, pois a mãe de Chapeuzinho paga a fiança. E, então, com exceção do lobo, todos foram felizes para sempre. O caçador ajudou a proteger uma espécie em extinção: o lobo. A vovó saiu da cadeia e Chapeuzinho aprendeu uma lição: “Não se deve matar os animais, ainda mais se eles estiverem em extinção”.

4.3 Chapeuzinho Cor de Abóbora

Nessa versão, temos uma menina gordinha de grandes bochechas. Sua avó havia feito uma capinha com capuz cor de abóbora e, como a menina usava o acessório o tempo todo, as pessoas começaram a chamá-la de Chapeuzinho Cor de Abóbora. Um dia, sua mãe pediu para que ela levasse uma torta de abóbora com cobertura de *chantilly* e uma cereja para sua avó, pois a mesma estava muito magrinha. A mãe lhe disse para ter cuidado porque a floresta era perigosa. A menina saiu e cantava: “Almocei agora, / Mas já tô com fominha, / Pena que esse doce / É para a vovozinha”. (PIMENTA; TORERO, 2010, p.15)

De repente, surge o lobo e pergunta o que a menina tinha na cesta e para quem estava levando. A menina responde que está levando uma torta de abóbora com *chantilly* e cereja para sua avó. O lobo, que estava com muita fome, pensa em comer a menina, a avó e a torta como sobremesa. Por isso, engana-a dizendo que havia uma trilha um pouco mais comprida, mas que tinha várias árvores frutíferas nela. A menina, que estava com fome, decide seguir o conselho e vai pela trilha. Enquanto isso, o lobo vai pelo caminho mais rápido e logo chega na casa da avó. Ele bate na porta dizendo ser Chapeuzinho Cor de Abóbora; quando a avó abre a porta, ele a devora. Em seguida, ele pega a roupa da velhinha e deita-se na cama à espera da menina. Quando Chapeuzinho chega em casa e entra, começa a perceber que sua avó parece diferente. Ela lhe pergunta: “– Vovó, por que você tem orelhas tão grandes? / – São para escutar quando o leiteiro passa. / – E esses olhos tão grandes? / – São para ver os bolos crescerem. / – E essas mãos tão grandes? / – São para segurar melancias e jacas. / – E esse nariz tão grande? / – É para sentir o cheiro do pão quentinho. / – E essa boca tão grande? / – Essa é para te comer mesmo!” (PIMENTA; TORERO, 2010, p. 18)

E o lobo pula na menina e a engole. O lobo volta a dormir, mas, como está muito cheio, começa a roncar, a ponto de o caçador, que estava próximo, ir lá investigar. Ao entrar na casa, ele vê o lobo usando as roupas da velhinha, mas não faz nada, pois acha que a senhora ainda está viva na barriga do animal. Ele decide cortar a barriga do Lobo, mas é nessa hora que o lobo acorda e come o caçador também. Mas como o homem tinha um gosto salgado, o lobo decide comer a torta de abóbora para adoçar, ele come tudo, mas percebe que esqueceu da cereja, mas como estava tão cheio, explode e morre.

E todos ficam em pedaços para sempre: o caçador que ia comer o lobo, a avó que ia comer a torta e Chapeuzinho Cor de Abóbora, que, se estivesse viva, teria aprendido uma lição: “Nunca se deve comer a última cerejinha”.

4.4 Chapeuzinho Verde

Nessa releitura, temos uma menina com os olhos da cor de esmeralda que vivia em uma floresta verdejante. Sua avó lhe deu uma capinha com capuz, na cor verde-dólar, verde-musgo, e ela sempre a usava, por isso todos passaram a chamá-la de Chapeuzinho Verde. Um dia sua mãe lhe pediu que levasse uma torta de limão para sua avó, pois ela era muito avarenta para comprar um doce. A menina disse que levaria, e pediu dinheiro para o ônibus e para a sola do sapato; a mãe deu, mas lhe disse para ter cuidado no caminho, já que a floresta era perigosa. Chapeuzinho Verde foi e cantava: “Pela estrada afora, / Eu vou tão mesquinha. / E pedirei mais grana / Para a vovozinha”. (PIMENTA; TORERO, 2010, p. 23)

Ela andou e andou, até que encontrou o lobo que lhe perguntou o que ela tinha na cesta e para quem a estava levando. A menina disse que estava levando uma torta de limão para sua avó, mas que poderia vendê-la se o lobo tivesse dinheiro, mas ele não tinha. Então, o lobo lembrou-se que todos diziam que a velhinha da Casa Verde tinha muitas joias; ele decidiu, então, que iria comer a avó, a menina e roubar as joias. Para que isso fosse possível, ele enganou Chapeuzinho Verde, dizendo que havia uma trilha na qual as pessoas jogavam moedas, e sugeriu que a menina fosse lá pegar algumas para si. Ela foi e ficou contando as moedinhas distraidamente.

Enquanto isso, o lobo foi pela trilha mais rápida e chegou à casa da velhinha. A avó, após trancar seu cofre, por temer que sua neta as pegasse, foi verificar quem estava à porta, quando a abriu se deparou com o lobo que logo a devorou. O lobo pensou em roubar as joias, mas estava muito cheio e resolveu se disfarçar; deitou-se na cama para esperar a menina chegar. Quando ela chegou, logo entrou, e percebendo que algo estava estranho na aparência da avó lhe perguntou: “– Vovó, por que você tem orelhas tão grandes? / – Para ouvir o tilintar das moedas. / – E esses olhos tão grandes? / – São para ver os extratos do banco. / – E essas mãos tão grandes? / – São para contar dinheiro mais rápido. / – E esse nariz tão grande? / – É para sentir o cheiro das notas. / – E essa boca tão grande? / – Essa é para te comer mesmo!” (PIMENTA; TORERO, 2010, p. 27)

Ele saltou sobre a menina e a engoliu. Depois, resolveu tirar uma soneca. Como estava muito cheio, começou a roncar, atraindo um caçador, que ao entrar na casa, notou que o lobo era de uma espécie rara e sua pele poderia lhe fazer rico. O caçador matou o lobo e quando abriu sua barriga viu que Chapeuzinho e sua avó estavam lá e disse que as poderia tirar, mas que demoraria muito e elas teriam que lhe pagar. Então, o caçador pegou as joias da avó, as

moedas da menina e tirou-as da barriga do lobo. A moral da história é: “O dinheiro não traz felicidade e atrai um monte de malandros”.

4.5 Chapeuzinho Branco

Essa versão conta que havia uma menina de olhos e cabelos bem claros que morava em uma vila perto de uma floresta triste. Sua avó lhe fez uma capinha com capuz de veludo branco, e, porque a menina sempre a usava, todos a chamavam de Chapeuzinho Branco. Um dia sua mãe pediu-lhe para levar uns suspiros para sua avó que vivia sozinha no meio da floresta, pois nunca a visitava, isso a fazia se sentir melhor. A menina saiu pelo caminho cantando: “Pela estrada afora, / Eu vou tão tristinha, / Não tenho mais pai, / Sou uma orfãzinha”. (PIMENTA; TORERO, 2010, p. 31)

No caminho da floresta, encontrou o lobo que lhe perguntou o que tinha na cesta e para onde estava indo. Ela disse que estava levando suspiros para sua avó, que vivia sozinha na floresta. O lobo pensou que como estava sempre tão solitário poderia comer a avó, a menina e os suspiros só para passar o tempo. Então, ele disse para a menina que havia uma trilha que tinha várias crianças para brincar com ela, então, Chapeuzinho Branco seguiu muito animada para encontrá-las, mas não havia ninguém, era mentira do animal.

O lobo pegou o caminho mais curto e foi para a casa da velhinha, bateu na porta fingindo ser a menina. Mas a senhora não se incomodou ao abrir a porta e ver que quem estava lá era o lobo, ela sabia que seria devorada, mas achou bom que pelo menos ia ter companhia, mesmo que por pouco tempo. O lobo, então, devorou-a. Depois, disfarçou-se e se deitou na cama à espera da menina. Quando a garota chegou, foi para perto da cama da avó; vendo que algo estava estranho, lhe perguntou: “– Vovó, por que você tem orelhas tão grandes? / – São para escutar as vozes dos amigos. / – E esses olhos tão grandes? / – São para ver as pessoas. / – E essas mãos tão grandes? / – São para abraçar as visitas. / – E esse nariz tão grande? / – É para sentir o cheiro dos outros. / – E essa boca tão grande? / – Podia ser para conversar, mas vai ser para te comer mesmo!” (PIMENTA; TORERO, 2010, p. 34-35)

Mas antes que o lobo pudesse saltar sobre a menina e comê-la, ela disse que não se importava em morrer, pois era uma menina muito triste, pois seu amado pai havia morrido. O lobo se emocionou e começou a chorar sentado na cama, a menina logo se juntou a ele. Um caçador escutou o barulho dos choros e foi ver o que estava acontecendo. Ele entrou na casa e

se deparou com os dois chorando, e ia atirar no animal quando ouviu um barulho na porta e viu a mãe de Chapeuzinho Branco entrando.

Os dois sentiram que se conheciam, então ele perguntou se por acaso ela havia morado em uma casinha no alto da colina quando menina, como ela respondeu que sim, ele disse que ele era seu vizinho e que nunca a havia esquecido, pois era apaixonado por ela. Ela lhe disse que também gostava dele quando mais nova, mas seus pais decidiram sair de lá e, alguns anos depois, ela se casou e teve Chapeuzinho, mas agora era viúva, pois seu marido havia morrido.

Enquanto os dois estavam conversando, a avó gritou e lhes pediu que a tirassem da barriga do lobo. O caçador apertou a barriga do animal com muita força e a vovó saiu de lá com um pulo. Ela agradeceu por ter sido salva, mas disse que estava sempre tão sozinha que não se importou em ser engolida. O caçador respondeu que ela não seria mais sozinha, ele iria pedir a mão da filha dela em casamento e todos viveriam juntos.

A mãe de Chapeuzinho aceitou o pedido e todos estavam contentes, mas a menina não queria que o lobo fosse deixado sozinho, então ela sugeriu que eles poderiam adotá-lo como animal de estimação; e todos viveram felizes para sempre: a vovó ganhou companhia, o lobo deixou de ser solitário e Chapeuzinho Branco aprendeu uma lição: “Ninguém gosta de ficar sozinho.”

4.6 Chapeuzinho Lilás

Nessa versão, temos a história de uma menina muito famosa em sua pequena vila, chamada de Chapeuzinho Lilás por causa da capinha com capuz violeta que foi feita por sua avó. Um dia sua mãe lhe pediu que fosse levar algumas revistas com fofocas dos famosos para sua avó, que vivia no meio da floresta. A menina só obedeceu à mãe porque queria continuar com sua fama de ser uma menina obediente e trabalhadora, então ela saiu cantando: “Querida ser famosa / Bem conhecida, / Aí não andaria / Nunca mais sozinha”. (PIMENTA; TORERO, 2010, p. 41)

Chapeuzinho estava caminhando pela floresta quando se deparou com o lobo. Ele lhe perguntou o que tinha na cesta e para onde ela estava indo. Ela disse que estava indo levar revistas de fofoca para sua avó. O lobo estava com tanta fome que pensou que poderia comer a avó, depois a menina como sobremesa. Então, ele enganou Chapeuzinho Lilás dizendo que havia uma trilha com lilases e a menina poderia colhê-los e levar para sua avó. Ela aceitou a sugestão e foi em busca das flores. Enquanto isso, o lobo foi pelo caminho mais rápido até a casa da avó e, chegando lá, bateu à porta fingindo ser a neta.

Porém, quando a velhinha abriu a porta não havia ninguém, ela voltou para a cama. O lobo percebeu o quão horrível seria matar a pobre velhinha e decidiu mudar de atitude. Ele resolveu se esconder em uma moita. Algum tempo depois, Chapeuzinho Lilás chegou e entrou, já que a porta estava aberta. Sua avó estava na cama embaixo das cobertas e com uma touca enorme na cara. A menina achou estranho e perguntou: “- Vovó, por que você tem orelhas tão grandes? / – São para ouvir melhor o rádio. / – E esses olhos tão grandes? / – São para ver os programas de tevê. / – E essas mãos tão grandes? / – São para segurar os jornais. / – E esse nariz tão grande? / – É para metê-lo na vida dos outros. / – E essa boca tão grande? / – É para fazer fofocas”. (PIMENTA; TORERO, 2010, p. 45)

As duas riram e leram as revistas até pegarem no sono. O lobo saiu da moita e ficou observando as duas. Ele pensou que, por não ter comido as duas, as pessoas mudariam de opinião sobre ele. Então, o Lobo entrou na casa, deitou-se no meio das duas e tirou uma soneca.

Porém, como ele ainda estava com fome, sua barriga roncou alto, mas foi tão alto que um caçador escutou e foi até a casa da senhora. Chegando lá, ele viu o lobo e pensou que o animal estava se preparando para atacá-las e matou o lobo. A avó e a menina acordaram assustadas, mas o caçador explicou o que tinha acontecido e todos ficaram felizes para sempre: O caçador matou o lobo “perigoso”, a avó saiu no jornal e Chapeuzinho Lilás deu uma entrevista na tevê sobre a lição que aprendeu, a de que “se falam mal de alguém deve ser verdade”. Entretanto, os autores colocam um questionamento no final deste conto: “Será?”

4.7 Chapeuzinho Preto

Na última releitura do livro, o autor nos apresenta uma menina de olhos e cabelos negros que morava numa vila perto de uma floresta bem escura. Todos a chamavam de Chapeuzinho Preto por causa de sua capinha com capuz de veludo negro, havia sido um presente de sua avó. Um dia sua mãe pediu que ela levasse algumas jabuticabas para sua avó, mas a avisou que a floresta era perigosa. A menina foi e saiu cantando: “Pela estrada afora, / Eu vou depressinha, / Levando essas frutas / Para a vovozinha”. (PIMENTA; TORERO, 2010, p.49)

Ela foi adentrando cada vez mais na floresta escura até o lobo surgir detrás de uma moita. Ele perguntou o que a menina tinha na cesta e para quem ela a estava levando. Ela disse que estava levando jabuticabas para sua avó. O lobo, que tinha uma fome interminável, refletiu que, com certeza, um dia comeria a menina. Ele então sugeriu uma trilha que era cheia

de flores chamadas sempre-vivas, e que a menina poderia levá-las para sua avó. Ela foi atrás das flores.

Enquanto isso, o lobo foi por um caminho mais rápido até a casa da velhinha e bateu à porta dizendo ser a neta. A avó pegou seus óculos e foi abrir a porta, mas ao ver que quem estava na porta era o lobo não se assustou, pelo contrário, ela disse que estava à espera da visita do lobo e estava consciente de que ele teria que engoli-la. O lobo se deitou na cama à espera de Chapeuzinho Preto.

A menina foi andando bem lentamente e nem percebeu o passar do tempo. Quando a menina chegou e entrou na casa, ela se deparou com um espelho, foi então que percebeu que não era mais uma menina, mas uma mulher. Ela chegou mais perto do espelho e perguntou para si mesma: “– Por que eu tenho orelhas tão grandes? / – Ah, é porque agora já posso usar brincos. / – E esses olhos tão grandes? / – É porque posso ver mais coisas. / – E essas mãos tão grandes? / – É porque agora posso alcançar o que antes não alcançava. / – E esse nariz tão grande? / – É porque sou dona do meu próprio nariz. / – E essa boca tão grande. / – Acho que é porque já posso falar por mim mesma”. (PIMENTA; TORERO, 2010, p. 53)

Então, ela perguntou ao lobo onde estava a avó dela, ele disse que a tinha engolido, que ele era o Lobo dos lobos e o chamavam de “Tempo”. Chapeuzinho Preto lhe perguntou se ele também iria engoli-la, ele respondeu que sim, mas não naquele momento, e a convidou para comer jabuticabas. Eles comeram as frutas e foram dormir, acabaram roncando tão alto por causa da barriga cheia, que um caçador escutou o barulho e foi lá investigar.

O caçador viu o lobo e atirou no animal, mas errou todos os tiros. Frustrado, o caçador reclamou que nunca conseguia vencê-lo. O lobo disse que isso era impossível, mas que eles podiam ser amigos. Porém, o caçador disse que não poderiam ser amigos, pois um dia o lobo iria engoli-lo. O lobo, então, respondeu que eles poderiam ser amigos até esse dia chegar. Ele distribuiu duas jabuticabas, uma para Chapeuzinho Preto e outra para o caçador e saiu pela janela se despedindo com um até breve.

E todos ficaram felizes: A vovó por ter tido uma vida feliz e ter demorado a ser engolida e Chapeuzinho Preto por ter aprendido uma lição: “Devemos comer as jabuticabas bem devagar e aproveitar cada uma.”

4.8 Comparando as narrativas

No quadro 2, relacionamos alguns elementos contextuais e discursivos que circunscrevem a construção das narrativas particularizando a caracterização de personagens, cenários, problematizações, desfechos.

Quadro 2 – Descrição dos elementos com variação nas narrativas apresentadas em “Chapeuzinhos coloridos”

	N1	N2	N3	N4	N5	N6
Perguntas orientadoras	Chapeuzinho Azul	Chapeuzinho cor de Abóbora	Chapeuzinho Verde	Chapeuzinho Branco	Chapeuzinho Lilás	Chapeuzinho Preto
Qual é a cor do capuz?	Capuz azul	Capuz cor de Abóbora	Capuz verde-dólar	Capuz branco	Capuz violeta	Capuz preto
Qual é a descrição física da menina?	Olhos azuis da cor do céu	Gordinha, de grandes bochechas	Olhos verdes cor de esmeralda	Olhos e cabelos bem claros	A menina era muito famosa na vila	Olhos e cabelos negros
O que tinha na cesta?	Torta de amoras	Torta de abóbora com cobertura de chantili e uma cereja em cima	Torta de Limão	Suspiros	Revistas de fofoca	Jabuticabas
Qual é a situação da avó?	A avó estava saudável	A avó estava muito magrinha	A avó era muito avarenta	A avó era muito sozinha	A menina queria parecer caridosa	A avó já estava velha
Como eram as árvores da floresta?	Árvores em tons azuis, céu azul	Árvores em tons laranjas, céu laranja	Árvores em tons verdes, céu verde	Árvores com detalhes brancos, céu azul	Árvores em tons roxos, céu roxo	Árvores preto e branco, céu branco
Como era o lobo?	O lobo a achava bestinha	O lobo estava com muita fome	O lobo queria as joias da senhora	O lobo estava muito solitário	O lobo estava com fome	O lobo tinha uma fome interminável e um dia iria comê-la
Como era trilha de flores?	Trilha com miosótis Azuis	Trilha cheia de árvores frutíferas	Trilha com uma fonte cheia de dinheiro	Trilha cheia de crianças para brincar	Trilha com lilases	Trilha com flores sempre-vivas
Como a vovó reage diante do lobo?	A avó atira no lobo	A vovó abre a porta e logo é devorada	A avó tranca o cofre antes de abrir a porta, por achar que era sua neta, e é devorada	A avó abre a porta mesmo sabendo que é o lobo e é devorada	O lobo percebe que ia fazer algo ruim e se arrepende	A avó já esperava a visita do lobo e sabia que ele iria comê-la
Qual é o tema das respostas no diálogo entre a avó e a neta?	Respostas relacionadas a comer lobos	Respostas relacionadas a comidas	Respostas relacionadas a dinheiro	Respostas relacionadas ao convívio com outros	Respostas relacionadas a meios de comunicação	Respostas relacionadas a sua versão jovem
Qual é o	As duas	As duas são	As duas são	O lobo se	O caçador	Ele não

desfecho para o lobo?	comem o lobo	comidas pelo lobo	comidas pelo lobo	emociona com a história de Chapeuzinho	acha que o lobo quer comer as duas e o mata.	come a menina, só sua avó
Qual ação é praticada pelo caçador?	O caçador vê os restos do lobo	O caçador também é comido	O caçador cobra para tirar as duas da barriga do lobo	O caçador não matou o lobo. E reencontra a mãe de Chapeuzinho	O caçador acha que o lobo “mau” vai matar as duas e atira nele	O caçador nunca consegue vencer o lobo
Quais é a resolução da narrativa?	Elas são presas por estarem comendo animais em extinção	O lobo explode de tanto comer; todos morrem.	O caçador ganhou o dinheiro e matou o lobo. As duas estão vivas	Todos formam uma grande família e adotam o lobo	O caçador é o “herói”. As duas ficaram famosas. O lobo foi morto injustamente	O lobo diz que eles podem ser amigos até chegar o dia em que ele terá de comê-los
Qual é a moral da estória?	Moral: “Não se deve matar os animais, ainda mais se eles estiverem em extinção”	Moral: “Nunca se deve comer a última cerejinha”	Moral: “O dinheiro não traz felicidade e atrai um monte de malandros”	Moral: “Ninguém gosta de ser sozinho”	Moral: “Se falam mal de alguém, deve ser verdade”. Será?	Moral: “Devemos comer as jabuticabas bem devagar”

Fonte: Autoria própria

No livro “Chapeuzinhos Coloridos”, os autores José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta trouxeram várias novidades às releituras de “Chapeuzinho Vermelho”. Apesar da estória sempre ter uma ordem dos acontecimentos, houve mudanças consideráveis nas narrativas. As variações vão aparecendo com o desenvolver da história. Primeiro, tem-se a diferença na cor do capuz; depois, é apresentada alguma característica da personagem principal, como a cor dos olhos e dos cabelos ou algo na aparência e personalidade; seguida pelo tipo de comida ou objeto que a mãe pede que Chapeuzinho leve para sua avó e o porquê daquela entrega, que sempre remete ao estado de saúde da velhinha.

No caminho da menina pela floresta, os autores detalham o cenário por onde a menina seguia, no caso, o céu e as árvores da floresta, que mudam de acordo com a “cor” focalizada em cada releitura. É descrita, também, a situação em que o lobo se encontra: com fome, solitário, interessado no dinheiro; e o que ele diz haver na trilha: flores, dinheiro, crianças ou frutas para poder distrair Chapeuzinho, fazendo-o chegar antes dela na casa da avó.

Como dito anteriormente, as características do conto mudam de acordo com a cor atribuída a Chapeuzinho, para trazer à tona alguns temas intencionalmente abordados. Podemos considerar que essa variação de tons para representar a Chapeuzinho, como recurso visual, permite que os leitores façam a associação imediata da cor ao tema da atualidade

discutido no contexto da narrativa. As alterações trazidas às narrativas analisadas surpreendem os leitores, pois ao contrário das possíveis predições dos finais, eles se deparam com uma resolução totalmente diferente do conto original.

Um ponto modificado frequentemente é a recepção ao lobo na chegada à casa da velhinha. As reações da avó são variadas e inesperadas, por exemplo, em “Chapeuzinho azul”, ela atira no lobo, matando-o, subvertendo totalmente a contação da narrativa. As respostas às perguntas no diálogo entre a menina e a avó, mantêm a coerência estabelecida no princípio da narrativa e demandam do tema do conto. No entanto, existe a manutenção do suspense para o leitor saber o que vai acontecer após a resposta final do lobo.

Em “Chapeuzinhos Coloridos”, o caçador não se notabiliza como herói. Com exceção do conto, “Chapeuzinho Lilás”, em todas as releituras, ele não mata o lobo. O final da estória para o caçador está atrelado ao desfecho de Chapeuzinho e da avó da menina, conforme especificamos no quadro 2. A moral do conto foi mantida, logicamente para caracterizá-la como conto maravilhoso e para deixar ao leitor um ensinamento baseado no tema de cada conto: “Não se deve matar os animais, ainda mais se eles estiverem em extinção” / “Nunca se deve comer a última cerejinha” / “O dinheiro não traz felicidade e atrai um monte de malandros” / “Ninguém gosta de ser sozinho” / “Se falam mal de alguém, deve ser verdade”. Será? / “Devemos comer as jabuticabas bem devagar”.

As versões de “Chapeuzinho Vermelho” apresentadas em “Chapeuzinhos Coloridos” trazem uma mudança nos papéis desempenhados pelos personagens nas narrativas. Chapeuzinho, por exemplo, não é a mesma garota que temos em nossa memória, visto que a imagem da menina ingênua, boazinha, caridosa que foi enganada pelo lobo, está distante das outras faces que ela assume nos contos reunidos em “Chapeuzinhos Coloridos”. De igual modo, tais modificações foram observadas na vovó, que não era tão indefesa, no lobo, que nem sempre era vilão, e no caçador, que não era herói.

Essas alterações nas personalidades desses personagens provocam uma ruptura no padrão da narrativa tradicional, na qual os papéis estavam cristalizados e marcados pelas convenções sociais. Esse dado mostra ao leitor que os contos podem mudar e trazer novidades inesperadas, como também podem se adequar a qualquer tema e época.

Apesar das várias alterações empreendidas pelos autores, “Chapeuzinhos Coloridos” não fere o pacto narrativo e os contos se mantiveram fiéis à organização prevista sem fugir ao roteiro de enredo esquematizado por Propp (2001). Quanto à estruturação da narrativa, constatamos a presença de todos os elementos constituintes da narração, segundo Labov e Waletzky (1967): orientação, complicação, avaliação, resolução, moral.

Em relação à construção dos enredos, os contos focalizam os seguintes temas: a caça e o consumo de animais em situação de extinção, a gula da garotinha, a avareza da menina e da avó, o desejo de fama e as *fakes news*, a solidão e a morte, esses últimos são abordados com cuidado. Por serem temáticas não muito discutidas com crianças, a ideia foi apresentar nas narrativas uma explicação plausível para cada situação, com o objetivo de que os pequenos leitores compreendam esses temas a partir de suas experiências pessoais. Para isso, o *design* gráfico da obra apresenta o emprego de recursos verbo-visuais com ilustrações que também contam as histórias, a partir da construção de cenários e de desenhos que representam os personagens em cena. Além disso, todos os contos contêm uma cantiga (quadrinha com versos rimados) a partir da melodia popularizada da canção que Chapeuzinho cantava na narrativa. Os poemas em questão antecipam ao leitor traços da personalidade da Chapeuzinho, que variam de acordo com a cor, e apresentam uma rápida contextualização dos fatos narrados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas de modo geral têm a função de envolver o leitor nas histórias contadas. Quando dirigidas ao público infantojuvenil, a linguagem precisa apresentar leveza e ludicidade, mesmo ao tratar de temas sensíveis, como a solidão, a morte, a avareza e a gula, para não impactar negativamente as crianças e os jovens.

A obra “Chapeuzinhos Coloridos” cumpre o seu objetivo, como gênero da família das histórias, pois ela engaja e provoca sensações no leitor que vão do riso à comoção. As histórias infantojuvenis, apesar de não se prestarem ao viés didático, ao longo de muitas gerações são utilizadas para ensinamentos e para a transmissão de valores socioculturais. A tradição de contação de histórias tem grande importância em diferentes culturas, pois desempenha um papel crucial na educação de crianças.

As narrativas ensinam sobre a vida e sobre os hábitos e, de modo simples, através da criação de personagens místicos, como fadas e bruxas, como também a partir da construção de mundos mágicos povoados por reis, rainhas, princesas e príncipes valentes, contrapõem sentimentos humanos. Essas histórias têm tanto a função de entreter quanto a de despertar a imaginação dos pequeninos, trabalhando com sua criatividade, ao apresentar personagens fictícios e a forma como seus mundos funcionam subjetivamente.

Neste artigo, empreendemos uma análise de releituras do conto “Chapeuzinho Vermelho” a partir da publicação da obra “Chapeuzinhos Coloridos”. Consideramos que as

versões contemporâneas apresentadas na obra problematizam as questões de nosso tempo e atualizam a narrativa original com temáticas do interesse do leitor de hoje. Quando focalizamos os objetivos do gênero literário conto maravilhoso e partimos para a identificação dos elementos do roteiro de Propp (2001), como também para a análise estrutural da narrativa, sendo a esquematização de Labov e Waletzky (1967), constatamos o fato de que houve uma renovação na linguagem e nas temáticas sem o rompimento com o formato e a essência da contística tradicional dos contos de fada.

REFERÊNCIAS

BASTOS, G. M. **A importância dos contos de fadas na educação infantil**. Brasília: UnB, 2015.

GARCÍA, A. L. M. O livro ilustrado de conto de fadas. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 23, n. 40, mai.-ago. 2020, p. 63-89. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pg/v23n40/1982-8837-pg-23-40-63.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2020.

GRIMM, J.; GRIMM, W. **Chapeuzinho Vermelho**. In: TATAR, M. (Org). **Contos de fadas: edição comentada e ilustrada**. São Paulo: Zahar, s/d. Disponível em: <https://cdn.culturagenial.com/arquivos/chapeuzinho-vermelho-irma-os-grimm.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2020.

JUVINO, A. S. **A relação entre o conto de fadas tradicional e o moderno**. Guarabira: UEPB, 2010.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Org.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle. WA: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

NASCIMENTO, M. C. B.; LOPES, T. J. S. O imaginário infantil: A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da criança. **X Congresso Nacional da Educação – EDUCERE**, 2011. Disponível em https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/6477_3977.pdf. Acesso em: 14 fev. 2020.

NEVES, N. V.; RAMOS, F. B. Os jovens e a literatura: uma nova perspectiva (Resenha). **Revista Educação em Questão**. Natal, v. 36, n. 22, p. 243-247, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/3974>. Acesso em: 5 mar. 2020.

PERRAULT, Charles [1628-1703]. **Contos da mãe gansa ou histórias do tempo antigo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

PIMENTA, M. A.; TORERO; J. R. **Chapeuzinhos Coloridos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do conto maravilhoso**. São Paulo: Editora: Copy Market, 2001.

SCHNEIDER, R. E. F.; TOROSSIAN, S. D. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em revista**. Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200. Acesso em: 21 fev. 2020.

VIEIRA, A. G. Do Conceito de Estrutura Narrativa à sua Crítica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2001, 14(3), pp. 599-608. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v14n3/7845.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2020.

WITTER, G. P.; RAMOS, O. A. Influência das cores na motivação para leitura das obras de literatura infantil. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**; v. 12, n. 1, p. 37-50. Jan/Jun de 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a04.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2021.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

SILVA, S. F. S; FONSECA, V. N. S. Releituras do Conto “Chapeuzinho Vermelho” em “Chapeuzinhos Coloridos”. **Rev. FSA**, Teresina, v. 19, n. 11, art. 16, p. 319-346, nov. 2022

Contribuição dos Autores	S. F. S. Silva	V. N. S. Fonseca
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X